

(ausência do) Corpo e formação de professores:

um olhar das Artes sobre a Educação

Marcela Botelho Brasil (UNEB)

Lívia Alessandra Fialho da Costa (UNEB / UCSAL)

RESUMO: Considerar que o corpo está ausente na Educação é uma provocação para repensar a formação de professores. Acredita-se que o corpo está sempre presente, contudo, algumas áreas da Educação parecem não reconhecer a potência corporal na construção do conhecimento de seus saberes-fazer. O argumento principal desta pesquisa é que essa lacuna pode estar nas vivências oferecidas nas mais diversas formações de educadores. Propor um olhar através das Artes faz agregar referências performáticas às bibliográficas, sem distanciar o artigo da cientificidade e sem tratar as visualidades como complemento ou mera ilustração. Neste enfoque, as fontes bibliográficas se apoiam em livros de António Damásio, Michel Foucault, George Lakoff & Mark Johnson, José Ângelo Gaiarsa e David Le Breton, e as fontes artísticas, de múltiplos formatos e inseridas no texto através de imagens ou da tecnologia de hiperlinks, advém de Ayrson Heráclito, Arissana Pataxó, Yacunã Tuxá, Marcelo Masagão e Rosangela Silvestre. Questões disparadoras desta produção são parte de uma tese em criação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC/UNEB), com bolsa Capes para o Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa).

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Arte. Educação.

INTRODUÇÃO

Este artigo contempla várias das questões disparadoras que fazem parte de uma tese em criação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com bolsa Capes para o Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior na Universidade de Lisboa¹. A reflexão geradora desta pesquisa vem de um sentimento de ausência do corpo nos mais diferentes níveis da educação, e, uma hipótese, ou argumento: de que esta lacuna se encontra na formação de professores.

A formação no campo das Artes, incluindo as licenciaturas, ou seja, que também trata da formação de professores - além da Educação Física, parecem atender a demandas corporais com mais ênfase do que outras áreas. Ao vivenciar uma formação privilegiada nos saberes-fazer

¹ Marcela Botelho Brasil é graduada em Dança e Educação Física, especialista em Arte-Educação e Mestre em Dança, além de possuir formações em diversas técnicas e práticas corporais. Atualmente, é doutoranda em Educação (PPGEduC/UNEB), onde desenvolve sua tese na Linha de Pesquisa 1: Educação, Memória e Pluralidade Cultural, sob orientação da Prof^a Dr^a Lívia Alessandra Fialho da Costa. A pesquisadora foi contemplada com a Bolsa Capes do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (ICS-ULisboa), sob a supervisão do Prof. Dr. Vítor Sérgio Ferreira, de setembro de 2023 a junho de 2024.

corporais, é que se concebe esta *ausência* do corpo em outros contextos, sejam eles inseridos na educação formal ou não-formal, na escola básica ou na universidade.

Nas ciências sociais, assumir o corpo como existência trouxe ao debate a inegável presença do corpo enquanto ser-no-mundo, ao mesmo tempo em que constata o seu esvaecimento da consciência humana, sobretudo em sociedades ocidentais, “onde seu lugar é aquele do silêncio, da discricção, do apagamento” (Le Breton, 2011, p.192).

A reflexão em torno do disciplinamento do corpo (Foucault, 1999) não deve apagar, contudo, descobertas recentes das neurociências (Damásio, 2022) que desarmaram paradigmas cartesianos sobre construção de conhecimento. O que se aprende com o corpo? Tudo! Corpo é mediador de todo aprendizado, desde um passo de dança até uma abstração matemática.

Aliar-se a estes pressupostos e trazer à cena as epistemologias artísticas é como reacender uma chama de luz. Pode-se considerar que artistas, arte-educadores, professores das mais diversas Artes compreendem o corpo não apenas por um olhar anatômico e fisiológico (Gaiarsa, 1991), mas pela sensibilidade, pelos afetos, pela mobilização.

Acredita-se que a Arte é caminho de suprir a sensação da *ausência* de corpos na Educação. Através da Arte, o corpo aprende disciplinamentos outros que, ao invés de levar à inércia, levam ao movimento – corporal, político, social – contemplando possibilidades das encruzilhadas de pedagogias de projetos, trabalhos interdisciplinares, concepções de educação a partir de paradigmas da complexidade.

Encarar toda performance como educativa, reconhecendo a riqueza de detalhes pensados por criadores para os mais diversos produtos artístico-educativos, implica numa percepção diferenciada e na potencialização do corpo, seja através do contato com um filme (Masagão, 1999), um desenho em formato digital (Tuxá, 2023) ou uma pintura em tinta acrílica sobre tela (Pataxó, 2009), uma performance-instalação (Heráclito, 2015) ou uma coreografia (Silvestre, 2019). Um olhar das Artes sobre a Educação possibilita essa nova amplitude, não apenas poética ou metafórica, mas com alcances epistemológicos, como mobilizador de consciências político-sociais e vanguardista nos reconhecimentos de diversidades e suas cosmovisões.

O produto final deste estudo, entretanto, é um texto, documento escrito e cuidadosamente formatado segundo normas acadêmicas. Como estratégia para incluir corpo e arte neste formato, tem-se desenvolvido no percurso doutoral um estilo de pesquisa-criação que contemple uma *escrita sensorial*, numa proposição de *tese-espetáculo* que inclui epistemologias artísticas com vistas a alcançar corporeidades. Aqui cabe à ciência permitir-se a aproximação de visualidades e conteúdos

de redes sociais, mergulhar na escuta da sonoridade de podcasts, vislumbrar novos horizontes onde leitura é também assistir um corpo que se move numa coreografia de dança. Na perspectiva de leituras outras, as referências trazem obras bibliográficas reunidas a conteúdos audiovisuais, websites de artistas, links de registros de espetáculos disponíveis no Facebook e Youtube, direcionamento ao Instagram de ativistas – artistas e ativistas – para que, desta maneira, seja viável e coerente defender argumentos sobre corpo e formação de professores com exemplos de resistência, existência e construção de novos horizontes, como o tema deste XIII Seminário Internacional de la Red Estrado 2023.

CORPO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A ausência ficou entre parênteses no título deste artigo, isto porque, não se concebe formação de professores desprovida de corpo. Contudo, há mais ou menos ênfase nas experiências educativas a depender da área em questão, o que provoca um sentimento de ausência do corpo em alguns cenários. Ressalta-se que essa suposta *ausência* se configura como uma provocação à reflexão.

A hipótese, ou argumento, de que esta lacuna se encontra na formação de professores vêm da observação da organização dos currículos e das vivências que são proporcionadas e valorizadas como formadoras de educadores, que moldam os estudos que decorrem das graduações, das formações continuadas ou mesmo de semanas pedagógicas. Que experiências oferecidas pelas mais diversas formações de professores são provocadoras de conexão com o corpo?

Passa-se, então, a considerar os mais diferentes níveis de educação formal, contexto no qual a potência das vivências relacionadas ao corpo parece ir se diluindo nos processos educativos. A criança e a educação básica são enormes fontes de descoberta através do movimento e as experiências de aprendizagem são cercadas de ludicidade, inventividade, corporeidade. Na escola básica, já é possível visualizar as *caixinhas* ou disciplinas específicas para que se note o corpo. Educação Física e Artes seguirão pelo ensino fundamental e médio como as áreas responsáveis pelos aprendizados corporais e, muitas vezes, por suas especificidades, parecem isoladas inclusive dos eventos da área da Educação.

Quando se pensa em Matemática ou Língua Portuguesa, História ou Geografia, o corpo parece se distanciar dos conteúdos que são ofertados para aprendizagem de jovens e crianças, mas,

as reflexões não se limitam à educação básica. Independente do nível educacional, o enfoque é perceber na formação de educadores, quais as vivências que foram associadas ao corpo, para que assim se abordem maneiras de conectar os saberes e reconhecer o corporal nas especificidades de cada área.

Não há fórmula. É possível que um professor de História do ensino médio, exímio contador de estórias, faça uso consciente de seu corpo e provoque na classe o gosto pelo aprendizado de uma longa música que conta toda a Ilíada. Por outro lado, é possível que um artista visual considere-se desengonçado e não reconheça como corporal a sua arte de desenhar, pintar, misturar as cores e produzir uma tela.

Com essas considerações de que há exceções em ambos os lados, prossegue-se afirmando que, geralmente, Artes e Educação Física se enquadraram como o lugar do corpo nas caixinhas do conhecimento da educação formal, e seus saberes-fazeres eram vistos como complementares, muitas vezes oferecidos no contraturno de estudo, ou seja, após o término do turno de aulas dos estudantes. Essas disciplinas eram também bastante solicitadas nos momentos festivos, quando era preciso organizar a quadrilha junina, ou montar a decoração e os figurinos para os desfiles do dia da independência.

Para além das dificuldades da educação básica, chegar aos níveis de educação superior é também, comumente, assumir a domesticação do corpo à paralisia acadêmica. O apagamento do corpo também ocorre nas Universidades. Caberia uma ressalva a cursos de educação profissional, que tem seus saberes-fazeres repletos de mão-na-massa, ou se poderia trocadilhar o inteiro corpo-na-massa, construindo vivências próximas das atuações profissionais sem supervalorizar a teoria dicotomizada da prática. De volta à educação superior, quanto mais alto o grau acadêmico, mais inerte o corpo. Desde cedo, a orientação para o aprendizado na educação formal perpassa o conceito de controle e a imobilização corporal, ainda influenciados por práticas militares de organização até mesmo nas salas de aula.

Ainda há professores sendo formados sob a perspectiva de apoiar-se em livros didáticos como material exclusivo, isto porque, quando se está na Universidade, é geralmente essa a oferta que se tem - a de obras literárias e referências bibliográficas. E percebe-se que, por muito tempo, essa tem sido a forma de partilhar conhecimento, pois assim foram formados os professores que hoje lecionam nas formações de educadores - da mesma maneira, apoiados nas leituras de livros e escrita de textos.

Como, então, ampliar olhares corporais se a formação de professores de outras esferas não é

atrelada a estas vivências cinestésicas? Como perceber o corpo nas abstrações matemáticas, no letramento alfabético, na escrita de uma redação? Como fazer o caminho de retorno à descoberta, à inventividade, à corporeidade da primeira infância?

As formações profissionais dos mais diversos educadores seguem com ênfase no domínio de conteúdos específicos, no tecnicismo de compreender os assuntos e tornar-se habilidoso a reproduzir o modo como se aprendeu. O detalhe é que não se aprende relacionando o saber ao corpo, então, muito provavelmente o corpo não será reconhecido como fonte primária do aprendizado, nem tampouco, a história e especificidade de cada corpo serão contempladas. Deste modo, torna-se mais difícil relacionar a escola com a vida.

E o corpo é vida! Traz as suas fontes, relações e entrelaçamentos, constrói conhecimento também fora dos locais formais de educação e é capaz de refletir criticamente acerca das situações cotidianas. As reflexões não estão apenas nas letras produzidas pelas Universidades ou nas provas de cada disciplina da escola. O conhecimento é pulsante em diversas situações da vida, está sempre ao redor, por toda parte, e a abertura a essas interações pode permitir o encontro com novas e legítimas formas de aprendizado, compartilhamento e educação.

Então, a pretensão aqui é cultivar uma leitura de corpos. É abrir essas possibilidades de formação ao olhar para uma dança, um quadro, uma arte digital, com a perspectiva de leituras outras, tão importantes quanto a dos livros; é oportunizar materiais outros, tão didáticos e educativos quanto os textos; é escutar depoimentos de artistas que aprenderam mais com Arte do que com disciplinas outras da escola. A intenção deste texto não é subdividir as referências bibliográficas e as artísticas. Pretende-se criar um diálogo entre elas, de maneira a correlacionar as citações de um livro com uma performance, com uma imagem, com a vida.

ARTE QUE EDUCA: ENTRELAÇAMENTOS POSSÍVEIS

Entender o que me dizia a paciente COM SEU CORPO, se me tornou uma tarefa necessária, absorvente e apaixonante. Foi aí que passei de fora para dentro do corpo, do corpo da Anatomia, da Fisiologia e da Bioquímica, para o mundo dos gestos, das expressões emocionais, dos distúrbios viscerais de origem sócio-psicológica, da postura, da respiração como controle de níveis de consciência. Passei do corpo visto e compreendido, para o corpo sentido-e-sofrido. Foi assim que aprendi o que é corpo — sem falar das muitas horas de amor, que multiplicaram por mil tudo o que diziam meus autores — e tudo o que eu fazia no consultório. Porque se é amor, então pode (Gaiarsa, 1991, p.8, grifos do autor).

Começar com amor! A história do médico psiquiatra José Ângelo Gaiarsa, autor do livro *O que é corpo* (1991), o faz discorrer com amor sobre a complexidade da definição deste objeto de estudo: o corpo. Para que este artigo traga mais do que descrições, compõe-se este breve material que possibilita leituras outras, que potencializam corpos. O sonho seria imaginar as formações de professores contempladas com estes diálogos e com a presença do arcabouço artístico.

Há, aqui, que considerar os diferentes formatos e propósitos. Um artigo científico tem o seu formato, normas e exigências. Uma performance artística traz consigo muita pesquisa, ensaio, composição de cenas para que se alcance determinadas intenções, por vezes bem sutis. Dentre as artes, há aquelas que utilizam a linguagem verbal e se fazem entender por suas falas e, em outras possibilidades do não-verbal, contempla-se uma imagem, uma melodia instrumental, uma sequência de movimentos, com infinitas possibilidades de interpretação. As fontes artísticas aqui elencadas buscaram dar diversidade às formas da arte e explorar esses formatos de comunicação, que produzem leituras - ainda que sem letras. Sem dualismos, sem a demarcação de um ponto de vista correto e outro equivocado, o contato com os registros de espetáculos, apresentações ou imagens é um pretexto para mobilizar.

Pois, Arte mobiliza! Como no filme de Marcelo Masagão (1999), intitulado *Nós que aqui estamos por vós esperamos* acompanha-se cenas nas quais corpos e arte desestabilizam estruturas, criam rupturas, transcendem e provocam abertura para novos conceitos. Não apenas inovação, como também a valorização de corpos memória, em resgate e salvaguarda de tradições, como nos discursos visuais de mulheres artistas indígenas, a exemplo de Yacunã Tuxá (2023) e Arissana Pataxó (2009). Corpos explorados, violentados, estão nas proposições de performance de Ayrson Heráclito (2015), apoiado no sofrimento diaspórico-africano, onde o odor, o calor, a sensação cinestésica alcança profundidades na percepção humana da barbaridade da escravidão. É reconhecer a potência da elaboração da dança de Rosangela Silvestre (2019) em movimentos amparados pela profundidade de fontes ancestrais africanas, afro-brasileiras e indígenas.

Assim, propor um olhar através das artes faz agregar referências artísticas às bibliográficas sem distanciar o artigo da cientificidade e sem tratar as visualidades como complemento ou mera ilustração. Deste modo, acredita-se que o preenchimento da lacuna da ausência do corpo na formação de professores pode estar no relacionar-se, no estar aberto a conteúdos da vida, para que possamos descentralizar a educação de um determinado lugar, de um determinado tempo, de determinado modo. Contemplar as diversidades e pluralidades é um caminho necessário à Educação!

Então, antes que apareçam no texto os primeiros sinais de outras leituras - vídeos, imagens, músicas, danças, websites, redes sociais - ressalta-se que o acesso a todo material compartilhado é considerado parte essencial desta leitura. Utiliza-se a tecnologia de compartilhamento de hiperlinks como forma de intermediar as ligações entre o produto final, texto escrito, artigo científico, e toda riqueza audiovisual disponível na rede *web*, em plataformas como o Youtube ou até mesmo em redes sociais. Destarte, recomenda-se o acesso ao material audiovisual compartilhado no hiperlink abaixo como parte essencial desta leitura:

[▶ Transmutação da Carne | Ayrson Heráclito | 8 Performances | Terra Comunal - Marina...](#)

Figura 1. Transmutação da Carne. Performance-intervenção de Ayrson Heráclito.



Fonte: Exposição Terra Comunal, 2015

"Eu trago a memória dos maus-tratos, eu trago, em cena, essa ideia desse holocausto que foi a escravidão. E eu comecei a pensar um corpo, um corpo que tivesse uma certa conexão com essa história, com esse passado, com esses fantasmas... Surgiu a ideia da carne, da carne de charque, uma carne mista, mestiça, entre gordura e carne. Aí, eu pensei na carne justamente como uma metáfora deste corpo de homens que foram escravizados. A dor e a ferida da escravidão negra no mundo não diz respeito apenas aos afrobrasileiros, afroamericanos, os escravos descendentes ou os homens que foram escravizados. E eu convido essas pessoas justamente para viver esse processo. O ato físico de marcar a ferro, em brasa, um corpo, trouxe e despertou memórias muito antigas, então é o cheiro, é o som da carne assando, e é a combustão e que tocam na ferida, nessa ferida que, pra mim, deve ser transmutada pela arte, estetizada, mas nunca esquecida. E transformar a energia desses fantasmas, desses espíritos todos de mortos, que na Bahia a gente chama de Egum, né, em uma energia revolucionária, uma energia positiva e transformadora. Ver isso, ouvir isso, estar presente nisso, me ensinou coisas que a literatura e que a história não me ensinou, não foi tão eficiente nos seus relatos, nas suas descrições. Meu maior objetivo como performer e como pessoa é buscar justamente curas (Heráclito, 2015).

Ao resgatar essa memória, Heráclito se propõe a pensar um corpo, cuja história está na pele, na carne marcada, a memória está incorporada ou *embodied*, como classificaram alguns filósofos contemporâneos, a exemplo de Lakoff e Johnson (1999). Este e outros trabalhos artísticos de Ayrson Heráclito também incorporam estes conceitos. E segundo a sua própria declaração, estar envolvido neste processo de performance-intervenção o ensina coisas que outros métodos de educação considerados formais não o ensinaram. Frisa-se a eficiência do aprendizado, através de uma experiência de criação, na qual o corpo é potencializado como memória, história, cura e transmutação, vivência na qual se garante uma profunda relação entre Artes, Educação e corpo.

Para dialogar com a performance-intervenção *Transmutação da Carne* de Heráclito (2015), relembra-se o disciplinamento, as punições corporais e uma série de consequências que os castigos a partir do corpo, fizeram Foucault (1999) considerar nos seus escritos que

o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula, e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (Foucault, 1999, p.119).

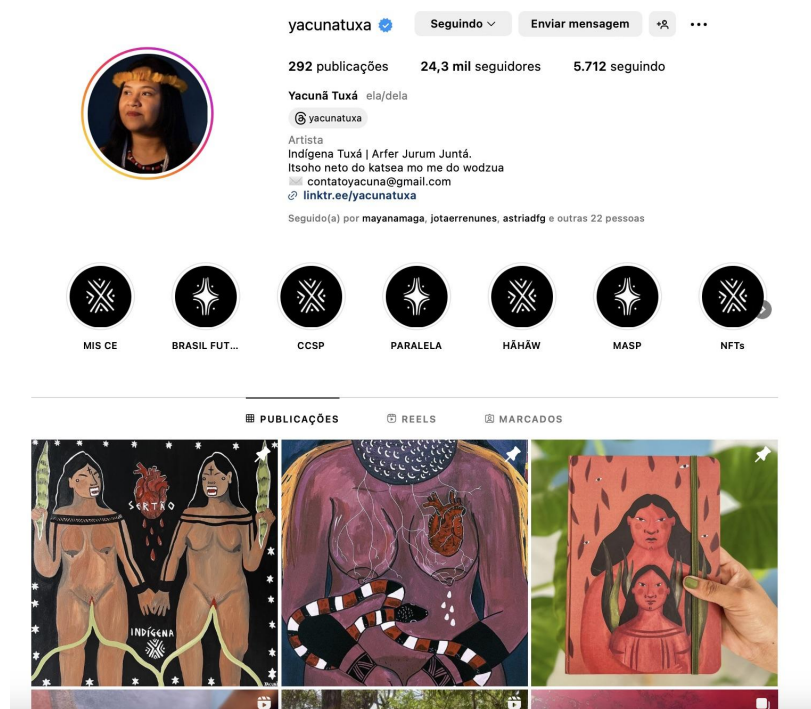
Essa maquinaria de poder a que foi submetido o corpo, é notada na brutalidade de marcar corpos a ferro em brasa (Heráclito, 2015), mas também conecta com os pedaços de corpos que explodem nas cenas de guerras do filme *Nós que aqui estamos por vós esperamos*, de Marcelo Masagão (1999), bem como com artes que denunciam os genocídios e sofrimentos indígenas que estão presentes em inúmeros trabalhos da artista Yacunã Tuxá (2023). Corpos potencializados: pessoas negras, mulheres, soldados, indígenas - que geram a reflexão sobre os aprendizados possíveis ao proporcionar este contato com artes que revelam pessoas diversas, plurais - a humanidade.

O compartilhamento do filme de Marcelo Masagão é uma proposta de leitura de 73 minutos, disponível no link a seguir: [Nós que aqui estamos, por vós esperamos. Marcelo Masagão. Brasil. 1999, 73 min.](#) A densidade da história contada faz refletir sobre as grandes guerras do século XX, conteúdo que requer muitas liberações pela exibição de cenas chocantes, mas, que, entretanto, não parece ter servido de aprendizado para a humanidade, uma vez que atualmente segue a guerra entre Rússia e Ucrânia, por motivos altamente comerciais; e cada vez mais se agravam os conflitos na Palestina, justificados pelas diferenças religiosas, que são motivo de muitas mortes, inclusive de crianças; em outro contexto, cita-se também a crescente violência nas zonas mais urbanas do Brasil,

onde a violência armada, os assaltos e combates apoiados em tráfico de drogas fazem das populações, reféns de uma guerrilha urbana eterna em violência crescente.

A macro e microfísicas de poder de Foucault (1999) também se relacionam e dialogam com causas indígenas reveladas pelo ativismo de Yacunã Tuxá², que possui obras nas artes visuais, obras literárias, dentre outras militâncias de compartilhamento das artes e cultura indígenas. Sobre esta artista, prefere-se compartilhar a sua página no Instagram, com a esperança de encontrar na curiosidade o motivo para vasculhar e explorar conteúdos das redes sociais, para criar laços entre a vida compartilhada e novos leitores. O link a seguir: [Yacunã Tuxá \(@yacunatuxa\) • Instagram photos and videos](#) é um chamariz à curiosidade de explorar novas conexões - link tree, imagens, vídeos, divulgação de eventos, vida e outras participações da artista de origem Tuxá, da cidade de Rodelas, na Bahia - Brasil.

Figura 2. Imagem de capa do Instagram da artista indígena Yacunã Tuxá.



Fonte: @yacunatuxa

Ao tratar os conhecimentos potencialmente incorporados, não poderia faltar a dança! Arte, Educação e corpo indissociáveis podem ser contemplados com Rosangela Silvestre, na sua performance que invoca o poder da transformação através do arquétipo da Orixá Iansã, da essência

² Para acesso a outras artes de Yacunã Tuxá: <https://yacuna.com.br>

do elemento da natureza ar que sopra ventos para que se abram possibilidades na ciência para contemplar conteúdos das artes. A performance a seguir, o registro de uma apresentação de Rosangela Silvestre no evento Baila Mundo - Samba Lyon 2019, está disponível apenas no Facebook. Olhar para as redes sociais com vistas a perceber os entrelaçamentos com a ciência, é assumir que a ciência pode estar em qualquer lugar: numa maçã que despenca da macieira na sua cabeça; na fricção entre pedras que gera calor e descobre o fogo; no vento que sopra mais forte ao conectar com o som dos atabaques.

Valoriza-se, aqui, a relação estabelecida entre vida, arte e ciência, numa reunião de movimentos que carregam simbologias ancestrais, que mexem com os elementos da natureza numa linguagem não-verbal e que permite, assim, muitas leituras e interpretações livres de dicotomias de certo ou errado, bom ou mau, artístico ou científico. Há muito estudo por detrás da dança de [Rosangela Silvestre no evento Baila Mundo - Samba Lyon 2019](#). Estudos em anatomia e cinesiologia, conhecimentos orientais de *chakras* e centros de energia, treinamento físico e técnicas corporais de movimento, um mergulho profundo em simbologias de fontes ancestrais indígenas e de matrizes africanas, dentre tantos outros estudos que marcam a pesquisa desta artista de Salvador - Bahia.

Figura 3. Rosangela Silvestre em performance no evento Baila Mundo - Samba Lyon 2019.



Fonte: Baila Mundo, 2019

Nesta performance em Lyon - França, o corpo de Rosangela Silvestre vibra inicialmente através de sua voz, que canta na língua yorubá um chamado à atenção do público para Oyá, também conhecida como Iansã, a deusa africana dos ventos, raios e trovões, numa personificação que pode ser “homem e mulher, em todas as raças” (Silvestre, 2019). A performance tem a participação de Alysson Bruno, que move inspirado por voz e movimentos de Rosangela Silvestre antes de seguir sua atuação na feitura da música, juntamente com Léo Capoeira, e ambos darão as claves para os movimentos da dança, que permite canto, texto ou poesia, num exacerbar corporal de possibilidades construídas em tempo real. Propor a leitura de uma dança é vislumbrar o reconhecimento de um sem-número de abstrações e significados possíveis, é coletar a riqueza das diversidades de interpretações e proporcionar a construção de sentidos, individuais e coletivos, de homem ou mulher, de toda raça humana. A arte do movimento não poderia faltar, afinal, a dança sempre potencializa o corpo e seus aprendizados!

A ventania de Rosangela Silvestre dialoga com as curiosas piruetas do corpo físico para experiência mental presentes na contribuição de Damásio (2022), neurocientista que tem desenvolvido inúmeros estudos sobre a mente, a consciência e cognição, revelando que a consciência aciona o corpo, a emoção e a mente para assegurar não só a sobrevivência, mas todas as criações dos seres humanos. O nosso organismo e nosso cérebro estão conectados num contínuo processo de construção de tomada de conhecimento do mundo: e isto inclui a tomada de consciência do interior do nosso corpo, presente, sim, na memória das lembranças do passado e virado para o planejamento do futuro. Assim, para Damásio:

o que me motiva não são as correlações químicas e neurais de cada sentimento específico, uma questão importante que a neurobiologia tem vindo a abordar com algum êxito. O meu objetivo é diferente. Pretendo compreender a disposição biológica que nos permite experienciar, na mente, um processo que decorre claramente no reino físico do corpo. Essa pirueta curiosa - do corpo físico para a experiência mental - é tradicionalmente atribuída ao trabalho do cérebro, nomeadamente a atividade dos dispositivos físicos e químicos a que chamamos neurónios. Embora seja clara a necessidade de um sistema nervoso para que se realize tão notável transição, não há qualquer prova de que ele o faça sozinho (DAMÁSIO, 2022, p.14).

Cientistas como António Damásio comprovam que nos diferentes modos em que se pode conceber a cognição, o sentir ou o saber, não há ausência do corpo. Tal fato, se entrelaça a cientistas sociais, a exemplo de David Le Breton (2011), que assume o corpo enquanto existência, constituindo-se importantes suportes para a tese em criação que pretende afirmar e legitimar o corpo como construtor de conhecimento após anos de exaltação do brilhantismo da mente.

Os diálogos se estabelecem entre autores, artistas e ainda que não diretamente relacionados

na linearidade deste texto, se costuram em trama num só corpo de ideias, presentes nas obras literárias e performáticas, estáticas ou em movimento, e são fonte de conhecimento e material para formação, seja ela de professores, de cientistas, de atores sociais. A feitura deste corpo de ideias é também uma criação, que permite certa liberdade na sua confecção e admite a pesquisa como parte da vida, assim como as formações.

Após a transformação de Rosangela Silvestre, as performances de sofrimento e reflexão dão lugar ao colorido e à esperança juvenil através da visão da artista visual Arissana Pataxó³ dos curumins de sua nação. Como num retorno ao amor citado por Gaiarsa (1991), encerra-se intencionalmente, portanto, com as múltiplas sensações e correlações que podem ser geradas pela imagem a seguir, introduzindo cores ao invés de transformar em letras os últimos comentários deste tópico.

Figura 4. Obra de Arissana Pataxó. Sem título, 2009, acrílica sobre tela, 80 x 80 cm.



Fonte: Prêmio PIPA, 2015

³ Para acesso a outras artes visuais de Arissana Pataxó: [Arissana Pataxó - Prêmio PIPA](#)

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS DO PODER DOS CORPOS

Resistência, existência e construção de novos horizontes tem sido tema recorrente em congressos científicos, a exemplo deste XIII Seminário Internacional de la Red Estrado 2023, realizado em La Plata - Argentina. A valorização de diversidades e pluralidades, violentadas e que tiveram a permanência de suas vidas e culturas abaladas por maquinarias políticas de poder, é tão necessária para balancear anos de apagamentos, que muito ainda será produzido para alcançar compreensões sobre a humanidade e seus sentidos.

Dentre os silenciados, aqui se toma como objeto de estudo: o corpo, sobretudo na sua relação com a Educação, numa proposta de inclusão de Artes potencializadoras do corpo como essenciais à formação de professores das mais diversas áreas. Os compartilhamentos artísticos, ofertados como um material para repensar o corpo, cultivam a curiosidade, ora possibilitam a livre navegação por conteúdos, ora nos fazem assistir às mazelas e conflitos sociais, por vezes, podem fazer sofrer, emocionar, atuar como representatividade de identidades. Performances artísticas geralmente envolvem uma profunda pesquisa e experimentação de intenções estéticas que tem como resultado obras que permitem abertura nas suas interpretações, que fazem cada ser humano considerar e ativar a sua própria história e resgatar sentidos e saberes de seus ancestrais. Pontos, como estes, são considerados importantes na formação de educadores, que serão os potenciais multiplicadores e incentivadores da construção de conhecimentos de estudantes, que serão mais ou menos autônomos e independentes de acordo com as vivências que lhe forem apresentadas. Imagina-se que mobilizando o corpo, a percepção e o saber dos educadores, será possível alcançar corpos, percepções e saberes de estudantes.

Relembra-se que as motivações para este artigo são oriundas de questões presentes numa tese em criação, vinculada à Educação (PPGEduC/UNEB) e com suporte das Ciências Sociais (ICS-ULisboa), mas também tão envolvida pela Arte e encantada pelo corpo, que tem buscado formas de desenvolver corporalidades em meio aos textos escritos, produto final característico dos eventos acadêmicos. Como estratégia para incluir corpo e arte neste formato, o abraço às epistemologias artísticas tem vistas a alcançar a leitura de corpos, tornando a experiência de contato com um texto científico mais aberta a outras sensorialidades.

O encontro e entrelaçamento com: *Transmutação da Carne* (Heráclito, 2015), telas

indígenas sem título (Pataxó, 2009; Tuxá, 2023), apresentações de dança semi-estruturadas com abertura à improvisação (Silvestre, 2019), o bem editado e costurado filme *Nós que aqui estamos por vós esperamos* (Masagão, 1999), todos esses exemplos que revelam a potência do corporal e seus aprendizados possíveis e que dialogam com as ciências de forma incorporada - ou *embodied* - como na filosofia da carne (Lakoff; Johnson, 1999), das ciências sociais (Le Breton, 2011), nas neurociências (Damásio, 2022), no corpo da medicina que se expande ao simbólico da psicanálise (Gaiarsa, 1991) ou nas políticas de macro e microfísica de poder (Foucault, 1999). Em todos esses contextos, há corpos, produtores de conhecimento e constituintes de pessoas que podem escolher se tornarem educadores através de uma formação profissional. A formação de professores com um foco de luz lançado ao corpo, ganha nas Artes um respaldo para vivências de si, para entrelaçamentos com estudantes, para abertura de possibilidades da vida cotidiana e seus infinitos aprendizados.

Pode-se concluir que o corpo é poderoso! Seu poder está numa investigação constante de si mesmo, do outro, das diferenças da humanidade. Se até aqui, utilizou-se majoritariamente o singular para falar do corpo, para este encerrar, deseja-se falar de corpos: corpos poderosos, diversos e plurais, que se conectam nas suas existências e resistências. Destarte, derruba-se por completo a ausência provocativa do título e potencializa-se o poder dos corpos presentes e suas diversidades - nas Artes, na Educação e nas inúmeras possibilidades das formações de educadores motivados a construir novos horizontes.

REFERÊNCIAS

- Damásio, A. (2022). *Sentir e saber: as origens da consciência*. Tradução: Laura Teixeira Motta. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 20a ed. São Paulo: Vozes.
- Gaiarsa, J. A. (1991). *O que é corpo?* Coleção Primeiros Passos. Brasília: Editora Brasiliense.
- Heráclito, A. (2015, 5 de maio). *Transmutação da carne*. [Arquivo de vídeo]. Performance-intervenção. Exposição Terra Comunal, Sesc Pompeia. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=jmAcqx8UwIM>
- Lakoff, G.; Johnson, M. (1999). *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books.
- Le Breton, D. (2011). *Antropologia do corpo e modernidade*.
- Masagão, M. (1999). *Nós que aqui estamos por vós esperamos*. [Arquivo de vídeo]. Filme. Recuperado de https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/videos/nos-que-aqui-estamos-por-vos-esperamos-mar-celelo-masagao/
- Pataxó, A. (2009). Sem título, Acrílica sobre tela, 80cm x 80cm. Recuperado de <https://www.premiopia.com/pag/arissana-pataxo/>
- Silvestre, R. (2019). Recuperado de <https://www.facebook.com/watch/?v=319744745387377>
- Tuxá, Y.. (2023) <https://www.instagram.com/yacunatuxa>